

# A Shell acha-se mais segura para investir

por Fátima Belchior  
do Rio

Criticado irredutível da falta de programas de controle para a inflação ao longo dos últimos anos, o presidente do grupo Shell, Abel Carparelli, sentiu "um alívio" quando o presidente José Sarney anunciou, em fevereiro último, o plano de estabilização econômica. Isso não significa, porém, que esteja de todo despreocupado. Afinal, como revelou, o congelamento de preços embutido no "pacote" chegou no momento exato em que alguns dos produtos comercializados pelo grupo seriam reajustados. "Estou preocupado, mas não assustado", comentou o presidente do grupo Shell, que neste ano investirá, pelo menos, o mesmo montante de 85, US\$ 80 milhões. Aliás, programar investimentos sempre foi o maior problema do grupo Shell depois que a inflação do País entrou em espiral ascendente. Esse fato não

chegou a inibir os programas do grupo no Brasil, mas sem dúvida, admitiu Carparelli, gerava insegurança. Com 73 anos no País, onde começou distribuindo derivados de petróleo, o grupo diversificou-se também para as áreas de metais e de produtos químicos. Assim, ao final do ano passado, tinha aplicado no País US\$ 800 milhões, 60% dos quais no setor de metais (Alumar e Valesul), 34% na distribuição de derivados de petróleo e 60% na indústria química.

Ao fechar o seu balanço de 1985 (e, por isso, os valores em cruzeiros), o grupo Shell contabilizou um prejuízo de Cr\$ 26 bilhões, depois de um lucro de Cr\$ 10 bilhões no ano anterior. O motivo principal das perdas — a queda dos preços do alumínio, ao longo do ano passado — já não preocupa tanto Carparelli. O grupo Shell planeja investir US\$ 35 milhões no setor de metais.

Os investimentos em petróleo — o grupo tem 22% da distribuição e 3.700 postos espalhados pelo País — e na indústria química também estão definidos e não se vinculam aos reflexos do "pacote" sobre as finanças do grupo. Embora, segundo Carparelli, esses sejam os segmentos sobre os quais o congelamento pesou mais, a Shell aplicará US\$ 35 milhões em derivados (principalmente melhora de imagem em postos) e cerca de US\$ 9 milhões em produtos químicos. No segmento de produtos químicos, os investimentos estão muito mais vinculados a novas oportunidades do que a preços, embora o "pacote" tenha surpreendido a Shell num momento em que os agroquímicos (defensivos agrícolas) seriam reajustados. Em 1984, por exemplo, a Shell investiu US\$ 4 milhões na indústria química. No ano passado, reduziu as aplicações para cerca de US\$ 3 milhões.